

visões das coisas  
grandes e pequenas





# BJÖRK: DANÇANDO NO ESCURO

Arthur Nestrovski  
PUC-SP

O filme é uma devastação. Desabilita qualquer resposta crítica por dias. Só aos poucos, com a insistência do hábito e as repetições do trivial, cada um vai voltando para a vida de fora, tão iluminada e ao mesmo tempo tão esvaziada por ele. Ninguém tem coragem para ver este filme de novo tão cedo; nem é questão de coragem, mas de energia afetiva à altura das visões de Lars von Trier. Voltar à música de Björk é uma outra história, porque é a história do que há de felicidade possível, desesperada que seja, na vida dentro do filme e na memória de fora.

A música já tinha papel crucial em *Breaking the waves* (Ondas do Destino, 1996), outro filme impressionante de von Trier, outra lenda de entrega amorosa no limite, resistindo contra tudo até o ponto inevitável de sacrifício, ou quebra. A música, ali, não participa nunca como decoração, ou ambiente, aquecimento sentimental de uma superfície morna, como é o caso na imensa maioria dos filmes, mesmo “de arte”. A música, uma seqüência de canções conhecidas de amor, divide os atos do filme, em *tableaux* estáticos, paisagens onde se respira, por um minuto, o ar das coisas.

Em *Dançando no escuro*, também, a música é matéria viva. Mais do que isso: o filme é vasto e faz pensar sobre muito, mas também especificamente sobre a música, sobre o encantamento absoluto da experiência pela força do canto e do som, tanto quanto do movimento e da dança. Num excelente artigo publicado no caderno “Mais!” da *Folha de S.Paulo* (3/12/00), Laymert Garcia dos Santos comentava a “conversão”, operada pela personagem principal, a operária Selma, “do alienante cinema de massa num utópico cinema interior” — uma estratégia de afirmação humana, contra o mundo desumano. Tal conversão se dá “por meio da mudança de ritmo que o ouvido humano pode imprimir no universo mecânico”; isto é, pela abstração da repetição em ritmo, em música e sentido.

Podem-se acrescentar três comentários: do ponto de vista da composição, a música parte dessas mesmas repetições. São *samplings* (versão digital dos velhos *loops* de fita magnética: pedaços de fita cortados e correndo em círculo, sem fim). Eles nascem da repetição concreta — ruído das máquinas no início da segunda faixa do disco, ou de trem na terceira —, mas gradualmente “se convertem” em padrões de ritmo para as melodias, numa colagem engenhosa do arranjador Vincent Mendoza. O processo ganha outra ironia em “Scatterheart”, em que se escuta o barulho de um disco arranhado: a mecânica incorporada ao mundo da própria reprodução sonora.

O ritmo, porém, não é tudo. Não se trata só de organizar musicalmente a matéria bruta, acidental. Nem de extrair o que há de alusivo e nostálgico nesses pedaços quebrados de som. O próprio ato da escuta já abre as portas de um mundo paralelo, para Selma na fronteira do invisível.

São muitos momentos no filme em que Selma lança-se nestes transes, ou graças terrestres. Às vezes com dança, às vezes sem. E não se trata, a rigor, ou não só, de escapismo, em qualquer sentido simples: é antes uma afirmação, um engajamento total, uma entrega positiva e irreduzível, que faz frente a tudo o que conspira para reduzir a vida dessa operária estrangeira, que está ficando cega, à invisibilidade e à falta do que ver. “Já vi o que preciso/ Eu sei o que faço/ Vi tudo o que há para ver”, canta Selma/Björk num dueto com Jeff/Thom Yorke. Uma resposta, do fundo das misérias do ano 2000, às tristezas de *Guarda-chuvas do amor* (1964), outro filme definitivo sobre a metamorfose, ou redenção da vida em canções — estrelado, não por acaso, pela coadjuvante de Björk, Catherine Deneuve.

Dois parênteses técnicos irresistíveis:

- 1) o padrão rítmico deste “trem” que serve de prelúdio e depois de base para o dueto é o de uma desaceleração acentuada, 4-2-2-1, quase uma alegoria do que se esvai e se perde, como a visão de Selma, que quanto mais diminui, mais faz bater o coração das trevas, que tem forma de corda vocal e concha auditiva.
- 2) no clímax do “Novo mundo”, a canção que abre wagnerianamente o filme (na abertura puramente instrumental, com a tela escura) e o fecha, depois, com canto, à palavra “see” (vejo) corresponde a nota dó bemol: uma nota aberratória, por conta da tonalidade, mas que em termos sonoros é igual a um si natural (faixa 7, 1:09). Que um “dó alterado” substitua o “si natural” já é sugestivo em português. Mas em inglês é ainda melhor: em vez de “B natural”/“be natural” (ser natural) tem-se agora um “C flat”/“see flat” (“ver achatado, ver plano”). Que a nota principal, o ponto mais agudo da melodia, uma inflexão no centro sensível da canção principal do filme, seja um “C”, ou “see” rebaixado, justamente na palavra “see” da letra, talvez seja um acidente, mas é um acidente bom demais para não ser meditado.

O dó bemol é um dos episódios em que a voz de Björk libera-se e alça vôo, deixando para trás os constrangimentos de tom e dicção que ela se impõe. Não seria demais ver nisto também uma alegoria de outros temas. A passagem liberatória, por um instante apenas, dessa voz estranha e estrangeira, aprisionada em sotaque e sussurro, encena sonoramente outras liberações, que Selma não vai conquistar nunca, exceto como imagem interna de si.

Nessa voz estranha, como nesse ouvido sobressaltado, o que ganha corpo é uma tensão absoluta de vida, uma concentração total de afeto, em meio à terra devastada desse mundo tão errado, tão normal. Que ela não tenha como se sustentar, que seu exílio não tenha redenção possível, exceto por uma esperança, talvez ilusória, na visão do filho, é um destino adivinhado.

Que, apesar disso, e apesar de tamanha tristeza, o filme nos faça ver as coisas ao redor, como pela primeira vez, livres do desgaste sentimental, é uma lição inesperada de música, que esse filme nos dá, em meio a muito mais, por meio da voz para sempre inesperada e para sempre estrangeira de Björk.



## S E R V I Ç O

*Dançando no escuro* (Dinamarca/França/Suíça, 2000)

Título original: *Dancer in the dark*

Direção: Lars von Trier

Roteiro: Lars von Trier

Fotografia: Robby Müller

Elenco: Björk, Catherine Deneuve, David Morse, Peter Stormare, Joel Grey

Duração: 140 min